

Percepção ambiental, fenomenologia e alguns conceitos de Bakhtin e seu círculo: em busca de um método interpretativo para mapas mentais na pesquisa em turismo

Vilton Soares DE SOUZA¹
Luciano Torres TRICÁRIO²
Davi Alysson da Cruz ANDRADE³

Resumo: Partindo da premissa que nós, seres humanos, não temos relações diretas com a realidade, e sim mediadas, e fundamentado em um recorte teórico que permite construir um conhecimento científico interdisciplinar e subjetivo na relação homem-espaco, especificamente na área de Turismo, o presente trabalho propõe-se a discutir a relação entre percepção ambiental e mapas mentais sob o viés fenomenológico e sugerir duas novas categorias ao método interpretativo para mapas mentais formulado por Kozel (2006), com base no Círculo de Bakhtin. As categorias propostas são: “auditório”, que se refere aos sujeitos envolvidos na construção do mapa mental; e “signos verbais”, que aponta para enunciados precedentes e posteriores. Numa perspectiva fenomenológica, cujo objetivo é conhecer, compreender, descrever e interpretar, o presente artigo põe em diálogo a percepção ambiental, a fenomenologia e os mapas mentais, contando com alguns conceitos dos estudos enunciativo-discursivos do Círculo de Bakhtin. Os resultados são: um esboço teórico que pode guiar outras pesquisas na área de turismo e uma proposta de método interpretativo para mapas mentais nas pesquisas em turismo.

Palavras-chave: Mapas Mentais. Método interpretativo para Mapas Mentais. Turismo. Percepção Ambiental. Fenomenologia.

Introdução

A atividade turística, como todas as atividades humanas, gera impactos de ordem social, cultural e ecológica, e divulga paisagens e culturas na intenção de atrair movimentar esta minimizando os impactos na comunidade receptora. Para tanto, é importante conhecer e interpretar a relação entre observador e observado, sobretudo as representações dos atrativos turísticos pelos atores.

Para o turismo, o tema da paisagem é caro, pois esta é compreendida como sendo a “matéria-prima do turismo” (Xavier, 2007, p.36). É nela onde os atores do turismo se movimentam, valorizam seus produtos, modificam seus componentes e atribuem-lhes valores econômicos, sociais, afetivos e simbólicos.

Neste artigo, discutimos sobre a interpretação da percepção do espaço, através dos mapas mentais e, portanto, recorre a um recorte teórico-metodológico (inter)transdisciplinar com base na fenomenologia. Portanto, a luz é posta sobre um método

¹ Mestre em Turismo e Hotelaria (Univali, 2014), Doutorando em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem - LAEL (PUC SP). Professor de língua portuguesa e língua estrangeira / francês no Instituto Federal do Maranhão - IFMA. viltonsoares@ifma.edu.br

² Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Professor titular da Universidade do Vale do Itajaí – Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria. tricarico@univali.br

³ Doutorando em Administração (FEA-USP). Professor do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão. daviandrade.ufma@gmail.com

interpretativo de mapas mentais já experimentado pelas pesquisas científicas e a sugestão de duas novas categorias, chegando assim a uma nova ferramenta interpretativa.

Percepção ambiental e paisagem

Del Rio e Oliveira (1999) traçam um estado da arte da percepção ambiental em diversas áreas (Arquitetura, Ciências Biológicas, Educação, Turismo, dentre outras), apontando duas correntes epistemológicas: Estruturalismo e Fenomenologia. A corrente Estruturalista, teria influências de trabalhos pioneiros anglo-saxões, destacadamente do Kevin Lynch e do Gordon Cullen, e igualmente de pesquisadores brasileiros inspirados na Semiótica de Peirce (1839-1914) e do linguista suíço Saussure (1857-1913). Nesta corrente, há a compreensão da realidade como um conjunto de sistemas cujas estruturas são reconhecíveis e onde qualquer alteração sofrida por uma parte tenderá a se refletir no todo, admitindo-se relações causa-efeito. A corrente Fenomenológica, teria inspirações fortes da Geografia Humanística com Yi-Fu Tuan e da Arquitetura com Christian Norberg-Schulz. Aqui, a compreensão da realidade se revela como um conjunto de fenômenos complexos que, embora admita correlações, é incomensurável e impossível se verificar pelas relações diretas de causa-efeito e de ser compreendida em sua plenitude. (Del Rio & Oliveira, 1999).

Marin (2008) relaciona os estudos da Percepção Ambiental com a pesquisa em Turismo, em três categorias, com seus respectivos objetivos: (a) Estudos de caráter intervencionista: preocupam-se com o entendimento da percepção para projetos de gestão ambiental; (b) Estudos de caráter interpretativo: investigações de caráter fenomenológicos, abordam a construção social do universo simbólico; e (c) Estudos de caráter educacional: a percepção é considerada parte do processo de formação de conhecimento, de valores e atitudes.

Mais presente nos estudos de caráter interpretativo, esta construção social do universo simbólico, considerando suas dimensões física, social, psicológica e imaginária, deve considerar que não há uma maneira universal de compreender as leituras simbólicas do espaço, pois as pessoas e grupos de pessoas têm diferentes perspectivas (Claval, 2001).

Del Rio e Oliveira (1999) explicam que a percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o espaço, que acontece a partir dos mecanismos perceptivos (estímulos externos através dos sentidos) e mecanismos cognitivos (motivações, humores, necessidades, conhecimento prévio, valores, julgamento, expectativas).

Rodrigues (2001) retoma este tema, detalhando que a percepção é resultado das apreensões dos sentidos (visão, audição, tato, temperatura, sinestesia, dor, gosto, olfato, sentido vestibular⁴ e sentido químico comum) acrescidas de sua experiência individual, esta composta do seu percurso cultural, história de vida, pensamentos e sentimentos.

Del Rio e Oliveira (1999) organizaram um esquema teórico do processo perceptivo no qual a realidade é apreendida a *priori* pelas sensações, e posteriormente por diversos filtros

⁴ Leia-se para sistema vestibular, o conjunto de órgãos do ouvido interno dos vertebrados responsáveis pela manutenção do equilíbrio.

culturais e individuais: motivação (interesses e necessidades), cognição (memória e organização de imagens), avaliação (julgamento, seleção e expectativas) e conduta (opinião, ação e comportamento), dentro de um processo que se retroalimenta.

Lynch (1997), precursor dos estudos da percepção espacial (espaços urbanos, especialmente), afirma que a cidade não é apenas um objeto percebido e desfrutado por milhões de pessoas distintas; mas igualmente produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixaram de modificar sua estrutura. Se, em geral, a cidade pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes. Assim, Lynch destaca o processo de transformação do espaço urbano por um sujeito-duplo: passivo (que percebe o espaço) e ativo (que coloca as suas marcas nele). Dialoga, assim, com Del Rio e Oliveira (1999), na relação de retroalimentação, o homem percebendo, agindo, modificando e formando uma nova percepção.

Com o uso do termo Percepção Ambiental por todos estes autores supra citados, tenta-se responder a pergunta do que seria então a percepção ambiental. Inicialmente, parte-se da seguinte reflexão: se há uma diversidade de conceitos de meio ambiente (visto que o mesmo é definido conforme a percepção que cada sujeito faz da realidade que o cerca⁵), há igualmente uma multiplicidade de conceitos de Percepção Ambiental (Oliveira, 2002).

Para Ferrara (1993), a percepção ambiental é definida como operação que revela a lógica da linguagem, tendo esta a função de organizar os signos expressivos dos usos e dos hábitos de um lugar. Então, na tentativa de explicar a imagem de um lugar veiculada nos signos com os quais a comunidade se constrói, usar-se-ia uma leitura semiótica da produção discursiva, artística e arquitetônica de uma comunidade.

Piaget (citado por Oliveira, 1978) aponta que a percepção é um conhecimento originado do contato efetivo, direto e imediato do sujeito com os objetos e seus movimentos dentro do campo sensorial, e afirma então que a percepção é uma construção da inteligência humana.

Tuan (1979), atento às interfaces do homem com o meio ambiente, considera a percepção como resposta dos sentidos aos estímulos externos e como atividade proposital na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra e são bloqueados. De acordo com autor, muito do que é percebido tem valor para as pessoas por estar intimamente ligado aos interesses, às necessidades, às visões de mundo e às experiências vividas. A experiência é conceitualizada a partir de um sistema estrutural de crenças, sendo assim, ela é pessoal e sociocultural. Contudo, Tuan (2012) e Okamoto (1999) defendem que há possibilidade de vários seres compartilharem percepções comuns por estarem num mesmo contexto sociocultural, partilharem dos mesmos conceitos, princípios e pressupostos paradigmáticos e por possuírem órgãos sensoriais comuns.

No Turismo, a percepção geográfica também valoriza as experiências do homem em seu meio ambiente e é estudada, segundo Xavier (2007), com base na geografia humanística

⁵ O meio ambiente, Segundo Oliveira (2002) é construído culturalmente por diferentes homens no plano da cultura e da História.

e com seus fundamentos na fenomenologia e no existencialismo. O espaço é a pauta fundamental para a percepção geográfica do turismo, espaço esclarecido por Gibson (1950) como não sendo um vazio que se conecta em ângulos retos, mas o espaço em que os homens caminham, fazem trilhas, praticam aventuras, valorizam paisagens e se deslocam para o lazer. Há uma abrangência na compreensão cognitiva do espaço, razão pela qual tem constituído a preocupação de muitos geógrafos, turismólogos e outros profissionais ligados aos estudos da percepção.

Lynch (1997) indicou três componentes para as imagens do meio ambiente: identidade, estrutura e significado. Em uma imagem legível⁶, os objetos observados podem ser reconhecidos distintos uns dos outros. Há uma relação estrutural ou espacial entre o observado e o observador, para quem pode ter um significado prático ou afetivo.

De acordo com Xavier (2007), os estudos de Lynch sobre cidades permitem dizer que as pessoas se adaptam ao meio ambiente e constroem uma estrutura e identidade daquilo que as cerca. Igualmente, que os estudos de Lynch permitiram comprovar que em qualquer cidade há uma série de imagens públicas, sendo estas resultante da superposição de imagens de muitos indivíduos. O ponto alto dos estudos de Lynch foi a identificação “morfológica”, da estrutura física da cidade, a partir das seguintes categorias: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes.

Alguns autores dedicaram-se à pesquisa sobre a interpretação da paisagem para o turismo, dentre eles Murta e Goodey (1995) e Murta e Albano (2002), defendendo que a paisagem deve ser observada e conhecida, pois desta forma é então valorizada e, conseqüentemente conservada. Meinig (1979) preocupou-se também com a interpretação de paisagens, tendo proposto dez enfoques diferentes da paisagem⁷ observada: natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar e estética.

Xavier (2007, p. 45) esclarece que a experiência de um mundo visual pode ser detalhada e descrita como extensa em profundidade: “sem fronteiras, colorida, texturada, sombreada, iluminada e preenchida com superfícies, bordas e interespaços”.

Por esta razão, o filósofo Merleau-Ponty (1999, p. 17), afirma que “a ideia de um espaço homogêneo completamente entregue a uma inteligência sem corpo é substituída pela ideia de um espaço heterogêneo, com direções privilegiadas, que tem relação com nossa situação de seres jogados no mundo”. Colocado desta forma, há uma valorização do componente humano na descrição do espaço, um destaque ao homem dentro do contexto. É importante destacar, no termo “descrição do espaço”, que para Merleau-Ponty a fenomenologia é um método descritivo e não explicativo.

⁶ Segundo Xavier (2007), a legibilidade é uma qualidade visual particular que corresponde às condições de facilidade, de organização do planejamento a partir de seus elementos de forma especial e da clareza do seu desenho. A legibilidade proporciona o reconhecimento das partes de um lugar turístico, bem como estabelece uma estrutura coerente para facilitar deslocamento e promover segurança e bem-estar aos usuários.

⁷ A partir de entrevistas com um grupo variado e pequeno, Meinig (1979) pedia para que eles, reunidos, olhassem na mesma direção, no mesmo instante. O grupo não interpretava a cena da mesma forma.

Fenomenologia e leitura de mapas mentais

Merleau-Ponty (1999) vê a fenomenologia como uma corrente filosófica que considera os objetos como fenômenos, que devem ser descritos tal qual aparecem à consciência. Pois, segundo ele, a fenomenologia é o estudo das essências e possui a tarefa de conhecer a vivência/experiência dos sujeitos no mundo, por meio da interpretação. Esta filosofia repõe as essências na existência e compreende que não há outra forma de compreender o homem senão a partir de sua existência terrena, aos fatos, aos eventos, às pessoas, às expressões do eu no mundo.

Estes aspectos subjetivos da percepção, de acordo com Lima e Kozel (2009) são abordados pelo debate epistemológico adotando a fenomenologia como opção teórico-metodológica. A fenomenologia, preconizada por Husserl (1975) é demonstrada por Peixoto (2002) quando este afirma que o pensar cometia o erro de tomar como ponto de partida as concepções preestabelecidas, os conceitos já formados e não os fenômenos como eles são de fato; errava então por construir concepções desvinculadas da realidade. Para ele, a exatidão do tipo matemático possibilita chegar sem equívoco ao resultado pretendido, visto ser um resultado calculado, comprovado, exato. O rigor é próprio das ciências descritivas, a fenomenologia se ocupa da descrição das vivências, por natureza inexata sua preocupação é com o rigor, com a fidelidade ao real. Essa inexatidão é proveniente da própria natureza do mundo humano, que é complexo, plural e inconcluso. Assim, a fenomenologia pretende superar os pré-conceitos, as aparências e o imediatismo (Peixoto, 2003).

De acordo com Critelli (1996), pesquisas com o recorte que aqui se apresenta trazem o ponto da perspectiva, invocando necessariamente o caráter de mutabilidade e relatividade da verdade; ambas vistas pela fenomenologia como uma condição tida pelos entes de manifestar-se e ocultar-se no horizonte do tempo, num incessante movimento.

A utilização dos sentidos capta sensações, promovendo a formação de imagens mentais (significando àqueles que as erigem), a partir das suas emoções, suas intuições, suas vivências e de acordo com as suas dimensões sociais, culturais, históricas e paradigmáticas (Ribeiro, Lobato, Liberato, 2009; Lima, Kozel, 2009). Estes aspectos subjetivos são abordados no debate epistemológico pela fenomenologia, como opção teórico-metodológica (LIMA, KOZEL, 2009, p. 209). A elaboração dos itens fechados e abertos das entrevistas, a construção dos mapas mentais e as suas respectivas descrições e interpretações, foram inspirados em Del Rio & Oliveira (1999); Lynch (1997); Lazzarotti (2011); Xavier (2007); Boullón (2002); Tuan (2012) e Kozel (2007).

Segundo Triviños (1987), o pesquisador fenomenológico, após destacar um determinado fenômeno (*epochè, do grego ἐποχή*), possui uma dúvida que o acompanha e/ou que lhe chama a atenção. Essa dúvida relaciona-se com a essência do fenômeno, manifestando a intenção de **conhecê-lo, compreendê-lo, descrevê-lo** e/ou **interpretá-lo**, mas nunca de **explicá-lo**. Nesta fase, chamada de pré-reflexiva, o pesquisador fenomenológico vai de encontro com o fenômeno de modo intersubjetivo.

Objetivando a leitura e análise destes mapas mentais, o método interpretativo de Kozel (2007), visa decodificar os textos expressos nos mapas mentais em sua construção sógnica. Este método baseia-se nos seguintes aspectos:

- a) Interpretação quanto à forma de representação dos elementos da imagem (ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras, dentre outros);
- b) Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem (horizontalmente, de forma isolada, dispersos, em perspectiva, dentre outros);
- c) Apresentação quanto à especificidade dos ícones (elementos da paisagem natural, da paisagem construída, elementos móveis e elementos humanos);
- d) Apresentação de outros aspectos ou particularidades (codificação das mensagens veiculadas).

O método Kozel (Kozel, 2007) permite que se analisem os elementos nos mapas mentais, decodificando os signos e símbolos e, conseqüentemente as representações que as pessoas têm de um espaço. Apresentamos a seguir os resultados obtidos com a pesquisa empírica. A *priori* será mostrada uma análise individual do material coletado por Souza (2014) e posteriormente são apresentadas análises mais gerais dos resultados alcançados, refletindo as percepções a respeito do Centro Histórico de São Luís.

Aplicação e discussão do método interpretativo de mapas mentais

Neste arcabouço, a pesquisa com o uso de mapas mentais está sujeito a algumas “coerções” provenientes do desenho metodológico. Porém, antes de abordar os mapas mentais, de que mapas estamos falando ? Para que servem na pesquisa em Turismo ?

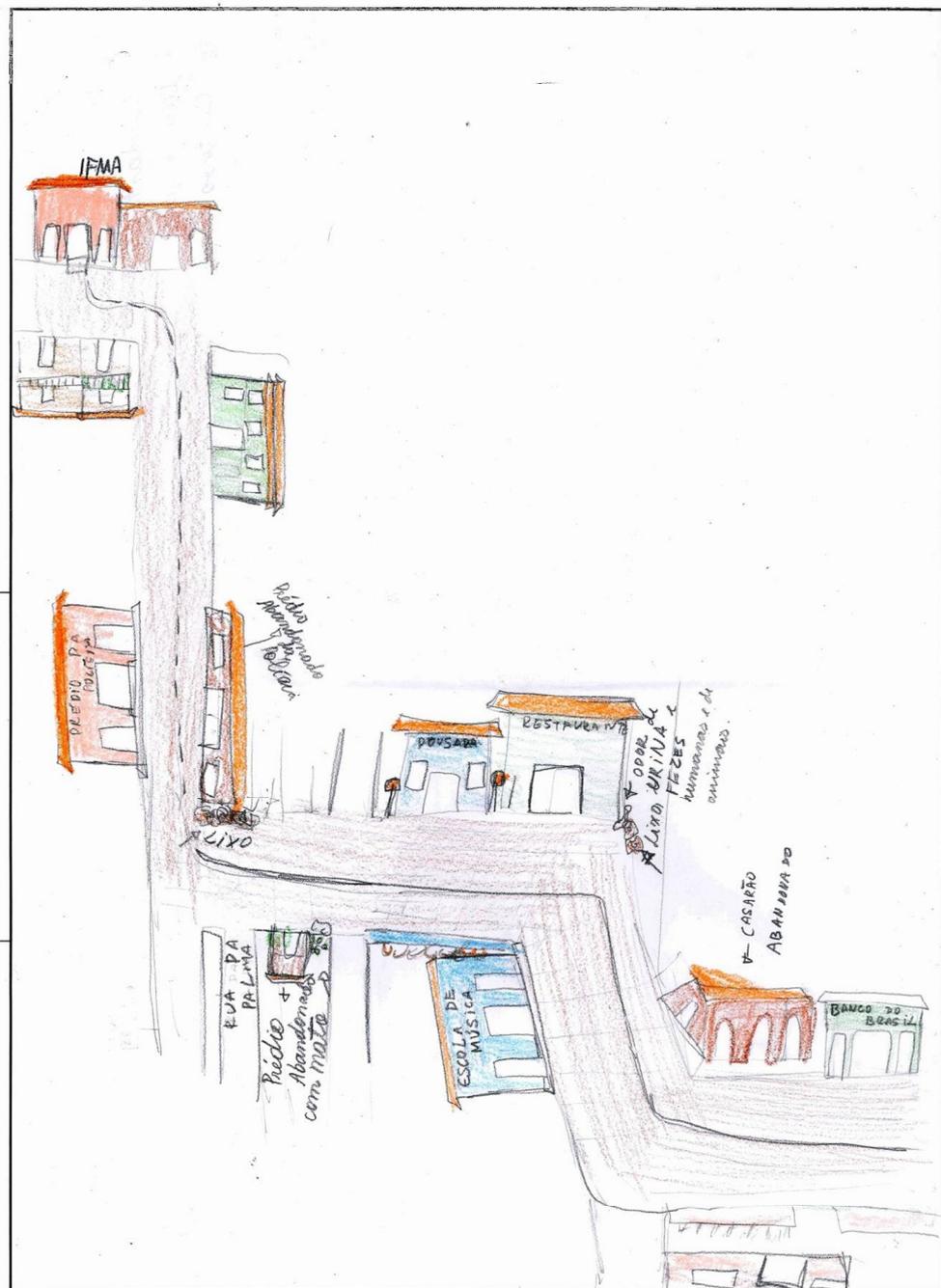
Como exemplo, segue mapa mental (figura 1) onde fora solicitado aos entrevistados que registrassem em desenho, com uso de cores e de textos explicativos se necessário, sua experiência/trajeto mais memorável no Centro Histórico de São Luís do Maranhão.⁸ Este exemplo fora gerado por um sujeito feminino, 17 anos, frequentadora diária do espaço em questão e estudante e profissional da área do turismo no Maranhão, apontado por Souza (2014).

Depreende-se, dentro das categorias de análise de mapas mentais de Kozel (2006) e Kozel et al. (2007), o “como” representação dos elementos da imagem; a “distribuição destes elementos”; as “especificidades dos ícones” e “outros aspectos e particularidades”. Dos 11 prédios representados, dentre os quais 3 estão “abandonados”, para a esfera de produção do turismo parece ser preocupante. Outro detalhe que o mapa mental “entrega” é o fato de, próximo a um restaurante e uma pousada, a experiência deste sujeito ser marcada pelo “cheiro de fezes e urina, humanas e de animais”. Dentre muitos outros detalhes, aponta-se que há pouca identificação no que se refere ao nome das ruas, apesar atuar na área de turismo (quadro 1).

⁸ O centro histórico de São Luís possui um conjunto arquitetônico colonial, do Barroco português, e é inscrito como Patrimônio Histórico Cultural da Humanidade pela Unesco desde 1997.

De Paula (2010) aponta os mapas mentais com um verdadeiro poder dentro da experiência geográfica. De acordo com a importância que os elementos selecionados tenham para o observador, eles podem tomar forma e tamanho representando assim a sua importância simbólica. Estas formas, diretamente ligadas a um conhecimento espacial interiorizado, são capazes de formar imagens, sendo estas evocadas a partir da memória, da experiência individual ou de informações previamente dadas. Estas imagens são chamadas de mapas mentais por Aguirre (1999).

Figura 1 - Mapa mental representando uma experiência memorável no Centro Histórico de São Luís



Quadro 1 - observações para as categorias analisadas no Mapa Mental (Figura 1)

ANÁLISE DO MAPA MENTAL	
Categorias de Análise	Observações
Representação dos elementos na imagem	Letras, linhas, pontilhados, figuras geométricas, desenhos, cores várias
Distribuição dos elementos	Paisagem natural (cor verde sobre a fachada de um casarão “prédio abandonado”); não há elementos móveis nem elementos humanos; Paisagem construída: casarões, banco, pousada, escola de música, traços representando gradis, telhados, petit-pavé (paralelepípedos)
Especificidades dos ícones	11 prédios representados, dentre os quais 3 “abandonados”. Próximo ao restaurante e à Pousada, experiência é marcada pelo “cheiro de fezes e urina, humanas e de animais”. Apesar de ser um sujeito da área do turismo, há pouca identificação no que se refere ao nome das ruas. Muitas cores.
Outros aspectos e particularidades	11 prédios representados, dentre os quais 3 “abandonados”. Próximo ao restaurante e à Pousada, experiência é marcada pelo “cheiro de fezes e urina, humanas e de animais”. Apesar de ser um sujeito da área do turismo, há pouca identificação no que se refere ao nome das ruas. Muitas cores.
Perfil do sujeito	Sexo feminino, 17 anos, estudante. Frequenta o Centro Histórico diariamente e desloca-se de ônibus

Fonte: Souza (2014, p. 132)

Na definição resumida de Archela, Gratão e Trostdorf (2004), mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As autoras detalham que estas representações tanto podem ser do espaço vivido no cotidiano, como também formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação. Afirmam ainda que são estes os mapas que trocamos ao longo de nossa história com os lugares experienciados, são representações do vivido. O mapa mental, como representação do saber percebido, o lugar se apresenta tal como ele é.

Quando se pensa em mapa, vem logo à mente a representação cartográfica com escalas e coordenadas, diferentes dos mapas mentais. Estes são baseados em uma visão ampla do conceito de mapa como representação sensível, e não com base em normas cartográficas. Esclarece Seemann (2003, p. 3) que um mapa mental tem por objetivo “tornar visíveis pensamentos, atitudes, sentimentos, tanto sobre a realidade (percebida) quanto sobre o mundo da imaginação”. Logo, o mapa mental é concebido não como produto, mas como meio de comunicação e processo que permite compartilhar experiências ambientais (Seemann, 2003).

Como meio de comunicação, estes mapas mentais comunicam a percepção, que é “essencialmente egocêntrica e ligada à uma certa posição do sujeito percebido em relação ao objeto, ao percepto, sendo estritamente individual e incomunicável, senão através desta linguagem” (Oliveira, 2002, p. 192).

Kozel (2006, p. 115) aponta o uso desta ferramenta de pesquisa como possibilidade de alcançar a liberdade de expressão dos sujeitos, trazendo nos mapas as suas experiências

mais particulares. Os mapas mentais, de acordo com a autora, consistem em uma forma “de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais”.

Portanto, os mapas mentais compõem uma metodologia para desvendar e diagnosticar os significados do espaço, cujas representações advêm da percepção e vivência com o meio ambiente, o que proporciona maior conhecimento numa pesquisa empírica (Männich, 2013).

Em consonância com Bakhtin (2014[1929]), para quem as representações são uma forma de linguagem que refletem as experiências vividas pelos homens e que, quando expressas através de ícones, essas representações são passíveis de serem interpretadas e permitem que os mapas mentais sejam entendidos como enunciados. Estes enunciados apresentam um caráter dialógico, que evidencia a relação entre os sujeitos (o eu e o outro e a interação entre eles), resultando em um processo representativo de constante (re)criação.

Bakhtin/Volochínov (2014 [1929]) na obra “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico”, o conceito de interação é apresentado como sendo de natureza constitutivamente social e histórica. O texto, neste caso em estudo, os mapas mentais, são oriundos de uma realidade natural e social e estes mapas tanto refletem como refratam outra realidade, dialogam com seu contexto apontando através de signos seus possíveis significados. Portanto, na teoria do Círculo Bakhtiniano pode-se considerar os mapas mentais como produtos ideológicos, entendendo que “tudo que é ideológico, é um signo”.

Ainda para Bakhtin (2014 [1929]), os elementos simbólicos são reflexos de uma vivência coletiva, e enunciam mais que a experiência individual, posto que a vivência entre os indivíduos é dialógica. Estas representações podem ser lidas e compreendidas enquanto um enunciado que evidencia as construções sociais no contexto vivido, presentes nos mapas mentais. Logo, pressupondo que não se pode haver interlocutor abstrato, Bakhtin (2014 [1929], p. 117) assegura que “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social”, bem estabelecido, e é nesta atmosfera onde se processa a construção “das suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc”. Assim, no que Bakhtin chamou das “duas faces” da palavra, visto que ela procede de alguém e dirige-se (ou é dirigida) à alguém, seria importante lermos os mapas mentais sob lentes que também considerem o “auditório social”, a “dupla face” dos mapas mentais; lendo os signos como produtos ideológicos.

Sugere-se, então, propor duas novas categorias à teoria de Kozel (2006), visando colaborar com o seu pressuposto de tomar os mapas mentais como enunciados, de acordo com Bakhtin:

a) **Auditório:** Quem é este sujeito que se enuncia? Como se define ao definir seu *locus* enunciativo-discursivo? Como se desenha a interação? Quem é o outro desenhado pela interação? Todos os sujeitos envolvidos na produção do enunciado, do mapa mental. O(a) autor(a); os interlocutores, os sujeitos representados nos mapas mentais e suas (inter)relações com os demais; todos estes situados num espaço e num tempo histórico e

social. Elementos que podem apontar para as deduções interiores do autor, suas motivações, suas apreciações.

- b) **Signos verbais:** Para Bakhtin, signo é toda mensagem (inclusive de uma palavra apenas), como um enunciado completo no seu contexto social e ideológico⁹, e que responde a um diálogo, é constitutiva de uma relação de interação social. Os enunciados, neste caso os mapas mentais, refratam e refletem uma realidade social. Portanto, identificar os signos e seguir o caminho para o qual eles apontam, com vistas a trazer outros enunciados, de outros contextos, para a compreensão deste mapa mental como um enunciado concreto e completo. Um enunciado está sempre interligado a outros precedentes e discutindo com os posteriores, compondo assim um verdadeiro *continuum*. Afinal, “nenhum enunciado pode ser atribuído apenas ao locutor: ele é produto da interação dos interlocutores, o produto de toda esta situação social complexa em que ele surgiu” (Bakhtin, apud Todorov, 1981, p.50).

A partir destas duas novas categorias no método interpretativo em diálogo com o trabalho de Kozel (2007), sendo elas interdependentes o que pode ser percebido na figura 1 e apresentado no quadro 2. Pois acredita-se que um método interpretativo para mapas mentais deva contar com um olhar atento tanto para os signos verbo-visuais.

Quadro 2 - Observações no Mapa Mental (figura 1) para as novas categorias propostas

ANÁLISE DO MAPA MENTAL	
Categorias de Análise	Observações
Auditório	Vê-se que a estudante de 17 anos, que frequenta diariamente o Centro Histórico, traça um roteiro do ponto de saída do terminal de ônibus até o Instituto Federal do Maranhão – IFMA, onde ela estuda. Há escolhas de ruas, e de construções a serem representadas no mapa mental. Através dele, na tentativa de responder a uma pesquisa acadêmica, ela usa este suporte verbo-visual em tom de denúncia (para o pesquisador da área de turismo) sobre a condição de abandono do espaço público. Então, refere-se ao poder público, aos gestores, como interlocutores além do pesquisador.
Signos verbais	Numa leitura inicial das construções representadas, vê-se elementos “estruturais” da atividade turística: banco, pousada, restaurante, escola de música, polícia, instituto federal em sentido de confronto com o contexto de prédios abandonados “com matos” (num centro histórico tombado pela Unesco), com “LIXO”, e que, apesar de colorido com ruas de paralelepípedos, a experiência é marcada por “ODOR de URINA e FEZES humanas e de animais”. Esta percepção de um dos principais atrativos turísticos da capital maranhense por uma estudante da área de Turismo do Instituto Federal do Maranhão, 17 anos, implica num enunciado de “entonação” grave, de denúncia, de descrédito nas instituições públicas e, possivelmente na sua futura atividade profissional.

Fonte: Elaborado pelos autores

⁹ Ideológico nesta teoria refere-se ao universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, em resumo, todos os produtos da cultura imaterial. “Sem signos, não existe ideologia”, o que nos faz concluir que todo signo é ideológico. (Faraco, 2009, p. 46)

À guisa de conclusão

Nos sentidos do diálogo proposto entre percepção ambiental e mapas mentais sob o viés fenomenológico nas pesquisas em turismo, chega-se à necessidade de se construir um método interpretativo para os mapas mentais que privilegie igualmente os enunciados verbo-visuais. Assim, sugerimos duas novas categorias ao método interpretativo que fora proposto por Kozel (2006, 2007), com base num novo diálogo com algumas categorias de Bakhtin e seu Círculo.

A pesquisa em turismo sob este viés pode interagir com os sistemas governamentais, empresariais e com os demais atores da atividade turística: moradores, frequentadores e turistas embasando o desenvolvimento de ações para o turismo e levando em consideração não apenas os enunciados verbais e visuais, mas o diálogo e o sentido criado no diálogo entre o verbo-visual. A necessidade de (re)conhecer e interpretar as experiências dos lugares e os significados atribuídos a eles pelos atores envolvidos na atividade turística demanda uma ferramenta cognitiva para a pesquisa que permita trazer à superfície o complexo emaranhado de fios de sentido que atribuem valores às informações, aos enunciados dos sujeitos.

Há algo que nos parece inevitável nas pesquisas em turismo com enfoque em análise de enunciados (mapas mentais): o ser humano como sujeito sócio-historicamente situado. Através dos seus enunciados, e das tensões que lá habitam, há uma série de informações que podem ser geradas pelos gestores dos destinos turísticos, pelos professores da área e demais sujeitos envolvidos. É importante esclarecer que cada leitor diante de um mapa mental tem o seu diálogo com este enunciado, o seu sentido-único, a tessitura das suas interpretações. No entanto, destes enunciados alçam as generalizações. O que o método interpretativo propõe é uma sistematização para tentar trazer à luz os fios co-textuais, aqueles que também constituem os mapas mentais e nos dão pistas dos sentidos. E, podemos pensar numa pesquisa não apenas “interdisciplinar”, mas “transdisciplinar”, já que esta pesquisa não “se preocupa [apenas] com a união das ciências para estudar um problema” mas parte de um problema em questão (a necessidade de um método interpretativo para os mapas mentais na pesquisa em turismo) e “solicita a ajuda de várias disciplinas” em busca de uma luz (Panosso Netto, 2005, p. 142).

Acreditamos poder ter contribuído para o avanço na discussão sobre a constituição de um método interpretativo também pela filiação de Kozel, e a nossa, nos estudos bakhtinianos. Isso implica um pensamento linguístico advindo de uma reflexão filosófica acerca do sujeito único, sócio-historicamente situado, intrinsecamente axiológico e que interage com outros sujeitos em uma realidade concreta.

Referências

Aguirre, Constancio de Castro (1999). Mapas Cognitivos: Que son y cómo explorarlos. *Scripta Nova*. Barcelona, n. 33, dez. Recuperado em 10 out. 2014, de <<http://www.ub.es/geocrit/sn-33.htm>>.

Archela, Rosely Sampaio; Gratão, Lucia Helena; Trostdorf, Maria A. S. (2004). O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. *Geografia*. Volume 13, Número 1, jan/jun, Londrina. Recuperado em 10 ago. 2014. de <<http://www.geo.uel.br/revista>>.

Bakhtin, Mikhail (Volochínov)(2014[1929]). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16 ed. São Paulo : Hucitec.

Boullón, R. C. (2002). *Planejamento do Espaço Turístico*. Bauru, SP: EDUSC.

Claval, P. (2001). O papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: Z. R., R.L.C. (Eds.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Crittelli, D. M. (1996). *A analítica do sentido: uma aproximação e interpretação da real orientação fenomenológica*. São Paulo: Educ/Brasiliense.

Cullen, G. (1971). *Paisagem Urbana*. Portugal: Edições 70.

De Paula, Luiz Tiago. (2010). Mapa Mental e experiência: um olhar sobre as possibilidades. *Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos*. Porto Alegre.

Del Rio, V., Oliveira, L. (Eds.) (1999). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. (2 ed.). São Carlos: Studio Nobel, 1999.

Faraco, Carlos Alberto. (2009). *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial.

Ferrara, Lucrecia D'Alessio. (1993). *Olhar periférico: informação, linguagem e percepção ambiental*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Gibson, J.J. (1950). *The perception of the visual world*. Boston: Hought Mifflin.

Husserl, E. (1975) *Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural,

Kozel, Salete. Comunicando e Representando: Mapas Como Construções Socioculturais. In: SEEMANN, Jörn. (Org.) *A Aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana*. Fortaleza-CE: Expressão, 2006. p.131-149.

Kozel, Salete. (2007). Mapas Mentais – Uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. (Org.). *Da Percepção e Cognição à Representação: reconstrução teórica da geografia cultural humanista*. São Paulo: Terceira Mensagem.

Lazarotti, Olivier. (2011) *Patrimoine et Tourisme: Histoires, lieux, acteurs, enjeux*. Paris: Éditions Belin.

Lima, Angélica M. L.; Kozel, Salete. (2009) Lugar e mapa mental: uma análise possível. *Revista Geografia*. Universidade de Londrina, v. 18, n. 1, jan./jun.

Lynch, K. (1997). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Lynch, Kevin. (1997). *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Männich, Carla. (2013). *Centro Histórico de Curitiba: múltiplas percepções*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Orientadora: Salete Kozel Teixeira. Curitiba.

Marin, A. (2008). Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. *Pesquisa em Educação Ambiental*. 3(1), 203-222.

- Marin, Andréia A. (2008). Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. *Pesquisa em Educação Ambiental*. São Carlos; Sorocaba-SP: UFScar; Rio Claro-SP: UNESP/IBRC; Ribeirão Preto – SP: USP/FFCLRP, v.3, n.1, p.203-222, jan./jun.
- Meinig, D. W. (Ed.). (1979). *The interpretation of ordinary landscapes: geographical essays*. Oxford: Oxford University Press.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Murta, S. M. & Albano, C. (2002). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora UGMG.
- Murta, S. M. & Goodey, B. (1995). *Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado: um guia*. Belo Horizonte: SEBRAE/MG.
- Okamoto, J. (1999). *Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na Arquitetura e na Comunicação*. (2. Ed.) São Paulo: Plêiade.
- Okamoto, Jun. (1999). *Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na Arquitetura e na Comunicação* (2 ed). São Paulo: Plêiade.
- Oliveira, Livia. (1978). *Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa*. Tese (Livre docência) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.
- Oliveira, Livia. (a) A percepção da qualidade ambiental. *Caderno de Geografia*. Belo Horizonte, v. 12, n. 18, p.40-49, 1 semestre. 2002.
- Panosso Netto, Alexandre. (2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Peixoto, A. J. (2003). A origem e os fundamentos da fenomenologia: uma breve incursão pelo pensamento de Husserl. In: Peixoto, A. J. (Org). *Concepções sobre fenomenologia*. Goiânia: UFG, p.13-32.
- Peixoto, Paulo. (2002). A corrida ao status de patrimônio mundial e o mercado urbano de lazer e turismo. *Revista Científica de Turismo Veredas*, ano 1, p. 23-45.
- Pierce, C. S. (1998). *The essential Peirce: select philosophical writings*. Bloomington: Indiana University Press.
- Ribeiro, W. C., Lobato, W., Liberato, R. de C. (2014). Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. *Revista Sinapse Ambiental*. Recuperado em 10 de março, 2014, de http://www.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20090930145705.pdf?PHPSESSID=46b54c171225585f485dbe68141d08b4
- Rodrigues, Adyr Ballastreri. (2001). *Turismo e Espaço: Rumo a um conhecimento Transdisciplinar*. 3 ed. São Paulo: Hucitec.
- Seemann, Jörn. Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. *Olam Ciência & Tecnologia*. Rio Claro, v. 03, n. 1, p. 200-223, set. 2003. Recuperado em 10 ago. 2014, de www.olam.com.br/abstracts/abstract5/seemann.htm..
- Souza, V. S. (2014). *Olhares Cruzados: o Centro Histórico de São Luís sob a lente dos atores turísticos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria. Univali.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas.
- Tuan, Yi-Fu. (1979). Thought and landscape: the eye and mind's eye. In: D. W. M. (Ed.). *The interpretation of ordinary landscapes: the geographical essays*. Oxford: Oxford University Press.
- Tuan, Yi-Fu. (2012). *Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: EDUEL.

Xavier, Herbe. (2007). *A percepção geográfica do turismo*. São Paulo: Aleph.

Volochínov, Valentin N. (2013). *A Construção da Enunciação e Outros Ensaio*s. São Carlos: Pedro & João Editores.